



O
ÚNICO
E VERDADEIRO
REI
DO BOSQUE



IBAN BARRENETXEA

tradução de
EDUARDO BRANDÃO



Copyright do texto e das ilustrações © 2013
by Iban Barrenetxea
Edição original © 2013 by A Buen Paso, Barcelona,
Espanha, www.abuenpaso.com

Este livro foi negociado através da Sea of Stories Literary Agency,
www.seaofstories.com, sidonie@seaofstories.com

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
El único y verdadero rey del bosque

Revisão
Marina Nogueira
Viviane T. Mendes

Composição
Elis Nunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Barrenetxea, Iban

O único e verdadeiro rei do bosque / Iban Barrenetxea ;
[ilustrações do autor] ; tradução de Eduardo Brandão. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letrinhas, 2015.

Título original: *El único y verdadero rey del bosque*
ISBN 978-85-7406-667-7

1. Ficção — Literatura infantil I. Título.

15-00140

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantil 028.5
2. Ficção : Literatura infantiljuvenil 028.5

2015

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletrinhas.com.br
www.blogdacompanhia.com.br



Se um viajante

se aventurasse a cruzar os gelados mares do norte, se os ventos e as marés lhe fossem propícios, se escapasse das tempestades e os monstros marinhos tivessem dó dele, desembarcaria num lugar onde os invernos são longos e escuros, e no verão o sol nunca vai dormir. Se o viajante, depois de beijar a terra — como deve fazer qualquer viajante que se preze —, caminhasse tantas léguas quantas horas tem o dia, chegaria a um bosque de bétulas. Ali, à sombra das bétulas brancas, talvez — e só talvez — o viajante chegasse a uma casinha de madeira: a casinha de madeira de Jaska, Kaspar e Másia.



Jaska era pernalta e desengonçado, e tudo o que tinha de alto também tinha de cabeça-oca. Ou mais. Se cabeça-oquice pudesse ser medida em metros, a de Jaska seria maior que o próprio gigante Magnus. E olhem que, pelo que dizem, o gigante Magnus era tão alto, mas tão alto, que sua cabeça não tinha nem a mais remota noção do que seus pés estavam fazendo. O gigante Magnus tropeçava nos faróis e nas torres das fortalezas, pisava nas casas e esmagava os caminhantes. Não que fosse um gigante malvado, muito pelo contrário, mas de tão alto que era sua cabeça ficava nas nuvens e por isso ele vagava pelo mundo sem saber muito bem por onde nem para onde. Nosso Jaska também caminhava aos tropeções e era raro o dia em que não provocava algum acidente. Mas, ao contrário do gigante, ele parecia ter uma nuvem dentro da própria cabeça.

Seu irmão Kaspar se gabava de não ter nada de bobo. O fanfarrão se gabava disso, daquilo outro e de muitíssimo mais! Na verdade ele se gabava de tudo, menos de duas coisas: o que tinha de baixinho tinha também de medroso. Dizem as más línguas que um dia Kaspar se assustou tanto com sua própria sombra que saiu correndo em círculos para fugir dela e que, de puro espanto, alcançou tamanha

velocidade que ficou duas voltas na frente. Mas não existia para o pequeno Kaspar sombra tão sinistra nem espanto tão espantoso que ele temesse tanto quanto sua irmã, Másia, quando ela ficava brava.

Másia não era nem muito alta nem muito baixa; não gostava de aventuras e não havia uma forma conhecida de assustá-la. Sem ser uma gênia, possuía a rara sabedoria dos que não têm outro remédio senão pensar pelos outros. Que seria de Jaska e Kaspar se a irmã, Másia, não cuidasse deles? Quem mostraria a eles, todas as manhãs, em que pé tinham de calçar cada bota? E quem os aconselharia a não sair sem gorro, para que o pouquinho de juízo que tinham não acabasse congelando dentro da cachola?

Mas ninguém desconfiava que, enquanto ordenhava Lila, a vaca, enquanto cuidava das galinhas, enquanto esfregava e remendava, Másia guardava um desejo no fundo do coração.

Naquele último dia de outono, Jaska e Kaspar voltaram para casa depois de passar a manhã caçando no bosque. Másia varria as folhas secas da entrada da casinha quando os viu aparecer.

— O que vocês trouxeram? Nadica de nada, pra variar!

